

126068

BASTOS TIGRE: BIBLIOTECÁRIO E POETA DA BELLE ÉPOQUE

OTACÍLIO COLARES

Distintos ouvintes:

Seja-nos permitido, antes do mais, chamar-lhes a atenção para um fato bastante significativo: o de estarmos reunidos, para falar de livros e da sua importância transcendental, num auditório de um curso de letras em grau superior, e que vai ter como escopo a valorização, há muito requerida, na nação brasileira, da arte-profissão, que é a da Biblioteconomia, e isto justamente na véspera do transcurso entre nós do Dia do Discotecário.

O significado especial, que achamos por bem assinalar: o de estarmos aqui, para falar do livro, num auditório que tem como patrono um altíssimo poeta e homem cuja cultura humanística, sobretudo nos domínios do classicismo literário, levaria o grande poeta brasileiro Manoel Bandeira a incluí-lo entre os dois maiores poetas da língua portuguesa.

Estamos a citar o poeta lírico e épico José Albano, nascido na Fortaleza, em casa senhorial de seus pais, que estava situada bem ali, nas proximidades do tradicional Colégio da Imaculada Conceição.

Filho de pais abastados, o menino José de Abreu Albano, feitos na Fortaleza os primeiros estudos, já aos dez anos era mandado pelo genitor a estudar na Europa, ele que em nossa cidade viera à luz no dia 12 de abril de 1882, o que significa que, daqui a um mês precisamente, estaremos, por dever de justiça, assinalando o centenário de nascimento de quem o severo crítico brasileiro Agripino Grieco assim escrevia:

"Intimamente, era um triste, era um dos tais que nascem com uma chaga no coração. Por isso há um sabor de alma nos

seus versos líricos, que nos prendem pela profundidade da emoção, ao mesmo tempo que nos espantam pela doçura prosódica, que é não raro doçura melódica, versos reveladores de uma sensibilidade que vibrava ao mínimo toque, versos que valem por músicas visíveis ou por sonhos palpáveis, versos tão brandos como o vôo de uma névoa."

Para afirmar, categórico, o autor de *Evolução da Poesia Brasileira*: "José Albano teve também, quando quis, notas épicas e, nos últimos dias, dias de doença, até de loucura, foi-lhe a poesia um talismã viático."

Queria o grande crítico de *Evolução da Prosa Brasileira* destacar em nosso José Albano um tipo excepcional, portanto pouco compreensível e, ainda mais, injustificável, se examinado pela visão de quem condiciona em termos lógicos o gênio, para o qual são somenos o espaço e o tempo, para apenas ser valorado o homem como instrumento de criação.

Um poeta que soube, como Camões e Bocage, os segredos da simplicidade imanente da fala portuguesa, que mais significa altitude de inspiração quanto é poupada de vocabulário. Um poeta cuja simplicidade se deixava derramar suavemente assim, ao dizer em verso:

*Amar é desejar o sofrimento
E contentar-se só de ter sofrido
Sem um suspiro vão, sem um gemido
No mal mais doloroso e mais cruento.*

Um poeta que, não contente de ser um grande lírico no metro maior, saberia como poucos, bem poucos, através dos tempos, utilizar o verso do metro menor, como nos expressivos versos desta

CANTIGA

*Nestes sombrios recantos,
Nestes saudosos retiros
Desliza um rio de prantos
E corre um ar de suspiros.*

Um poeta que, tendo sido, como afirmamos já, um épico, autor de um poema decassilábico, em que são cantados por ele os acontecimentos alusivos à chegada dos nautas lusitanos às terras do Brasil, a ponto de ser esse poema — ALEGORIA apontado pelo já citado Grieco como o que quis ser o canto

final d'Os *Lusiadas*, não se pejaria da simplicidade quase inocente destes versos:

*Tenho na alma dois moinhos,
Um é d'água, outro é de vento,
Ambos juntos e vizinhos
Estão sempre em movimento.
E giros tantos e tantos
E tantos e tantos giros
Dão ao primeiro os meus prantos
E ao segundo os meus suspiros.*

Um poeta que, como a complementar a ordem de idéias melancólicas da estrofe que citamos anteriormente, viria a escrever:

*Há no meu peito uma porta
A bater constantemente;
Dentro a esperança jaz morta
E o coração jaz doente.
Em toda parte onde eu ando,
Ouço este ruído infindo:
São as tristezas entrando
E as alegrias saindo.*

Aí foram, em rápida amostragem, rápidos e expressivos lances de um poeta maior que, nascido em 1882, na Fortaleza, iria morrer anônimo e quase à míngua, nas cercanias de Paris, no ano de 1923, ele que estudara as humanidades nos melhores colégios da Europa e, durante cerca de vinte anos, abeberara-se no saber, em educandários famosos das Inglaterra, França e Áustria, para, voltando ao Ceará e não encontrando campo para a sua imensa cultura, ir, em 1902, viver no Rio de Janeiro, passando, para certos intelectuais de então como um tipo esquisito e cheio de singularidades, incluída a preocupação com a defesa intransigente do idioma português na sua pureza embasada no seiscentismo.

É que José Albano pensava e produzia a sua poética em padrões do século XVI, quando, no Brasil pensante, que significa dizer — no Rio de Janeiro, os poetas e os prosadores, depois do fastígio do Romantismo, estavam com idéias e sentimentos influídos quase exclusivamente dos esquemas hauridos dos compêndios de Spencer e de Taine, sendo o cientificismo naturalista e o materialismo realista as pedras de toque através das quais tudo se teria de admitir, porque tranqüila e positivamente explicável.

Estávamos, no Rio de Janeiro de entre 1900 e 1920, vivendo o Brasil da *Belle Époque*, que assim foi denominado o período em que o mundo europeu e o de sua direta influência foram envolvidos por uma espécie de aura otimista e preocupada com as exterioridades da vida material.

Essa materialidade, que iria redundar no exacerbamento das ditas requintadas camadas sociais, iria redundar, na vida brasileira, no que denominaremos *salonismo*, que se projetaria numa proliferação de artes de pouca profundidade de inspiração, com a predominância do *bonito* e *vistoso* sobre o autêntico e profundo.

E, aqui, finalmente, a razão da nossa presença e de uma certa ordem de considerações alusivas ao livro como símbolo e à biblioteca como razão de ser de tudo que entenda com CULTURA.

Retornemos no tempo e atenhamo-nos aos primórdios do presente e já agonizante século XX. Ao tempo em que o Brasil era o Rio de Janeiro, sacudido pelo milagre de três grandes forças renovadoras: Osvaldo Cruz, Pereira Passos e Paulo de Frontin.

Passado o período de transição entre o Brasil-Império e o Brasil-República, houve como uma espécie de *susto* no organismo nacional.

Para não nos afastarmos do contexto livro — biblioteca, chamemos a atenção para interessante ensaio do professor Manuel Diegues Júnior sobre VIDA SOCIAL NO RIO DE JANEIRO (fins do século XIX e começos do XX) num de cujos lanços, depois de destacar o início, em São Paulo, quase nos finais da última centúria, de uma espécie de hegemonia aristocrático-social, o autor afirma categórico:

“O Rio de Janeiro, entretanto, não perde suas características de centro político, sobretudo pela presença do poder federal, através do Presidente e do Congresso; e projeta-se, ou melhor, continua a projetar-se, como poder social. Ou seja, o grande pólo da sociedade, da vivência social, com seus clubes, suas sociedades, seus centros de recreação, suas confeitarias, suas casas de chá, etc.”

E continua:

“Data de 1868, ou mais precisamente 9 de outubro, a inauguração do serviço de bondes, pela Companhia de Ferro Carril do Jardim Botânico. O trecho percorrido por sua linha inaugural ia do Largo do Machado à rua Gonçalves Dias. Dois anos depois, 1870, inaugurava-se a linha de bondes da Tijuca, mantida pela Companhia São Cristóvão.”

Por muitas linhas além derrama-se Diegues Júnior sobre informes de renovação dos costumes cariocas, como sabemos: "Trajes, especialmente camisas para homens, importados da França; sorvetes ou gelados, em geral, iguais aos da Europa, como anunciava o Café Glacier; perfumes — L'Origan, por exemplo — também trazidos da França — enfim todo um quadro de influências européias, em particular francesas, que a República conservou da tradição recebida do Império."

Para prosseguir, de modo seguro, o filho ilustre das Alagoas:

O francês se situava e, em parte ainda se situa, embora modernamente bastante afetado pela influência do inglês, como língua oficialmente usada em jantares e banquetes. O cardápio de banquetes é sempre *menu*, e o que será servido, deste constante, indicado em francês. Era esta, e, de modo geral, ainda restam traços dessa presença, a língua oficialmente usada em cardápios de banquetes ou jantares oficiais ou oficiosos. O que se espalhava a outros aspectos da vida em sociedade, principalmente em termos usados pela crônica social nas seções especialmente dedicadas ao registro de acontecimentos festivos ou mundanos.

Entra, para a vida da então capital do Brasil, ao lado de outras *modas*, a introdução do jogo do bicho e o aparecimento do circo, o primeiro dos divertimentos, indo projetar-se, na opinião ainda não contraditada por ninguém, "como um hábito a atrair as diferentes classes sociais, e de modo particular as menos protegidas economicamente, no desejo de obter melhores recursos financeiros. O que não exclui a participação das classes remediadas no objetivo de acertar no *milhar* ou, quando menos, na *centena*. O certo é que o jogo do bicho popularizou-se independentemente de classes ou de posição social. E alastrou-se por todo o país".

Não nos furtamos, ainda por agora, a citar Diegues Júnior, ao assinalar, como significativos da *Belle Époque*, acontecimentos que marcaram a entrada do atual século no Rio de Janeiro: a inauguração, em 1909, na expressão artístico-cultural da mais nítida e irretorquível linha de influência francesa, do Teatro Municipal, e ainda o São Pedro, o da Fênix Dramática, o Lírico, o Recreio, o Apolo, o República, casas de espetáculo que reuniam em suas salas sempre movimentadas os chamados francesmente "habitúes", para assistirem a peças teatrais de estilos os mais variados, sobretudo o espetáculo do tipo *can-can*.

Seja lembrado que, em 1903, o brasileiro Alberto Santos Dumont chegara, para recepção apoteótica do povo carioca, de

sua conquista do espaço, depois de haver comprovado a dirigibilidade do mais leve do que o ar.

Os chamados clubes republicanos serviam de embasamento cultural às novas idéias, as quais refletiam-se naturalmente na vida social, cujo comportamento se iria reformulando, ora na realização de festas, ora no já citado comparecimento às récitas teatrais, ora na verdadeira *moda que pegou*, a das conferências literárias.

É que, no ano de 1897, dois anos depois de iniciativa igual dos escritores da nossa terra, que fundaram a Academia Cearense, em 1894 surgia a Academia Brasileira de Letras, e então, como que se deflagrou, entre os componentes da sociedade requintada do Rio de Janeiro, qual toque de *bom-tom*, a freqüência masculina e feminina às conferências literárias. Era distinto, para ambos os sexos, comentar ou aludir a uma conferência do grande lírico, o poeta Olavo Bilac, a uma pitoresca e pintoresca palestra do popularíssimo cronista e romancista Coelho Neto, isto para citar apenas duas das mais cintilantes individualidades literárias altamente representativas da *Belle Époque*, no que toca ao comportamento literário, em correspondência ao modo de refletir da sociedade.

Voltando um pouco à moda do chamado jogo do bicho, a que antes aludimos, citemos, para companhia dos dois atrás citados escritores, que nem o grande e cético Machado de Assis, aparentemente infenso aos hábitos comuns, nem ele escapou à influência desse costume mudado em moda na Cidade Maravilhosa do cronista-poeta popular André Filho.

A brilhante professora e escritora brasileira Sônia Brayner, recentemente, ou seja, em 1980, ao organizar, com a mestria, segurança e descortino que lhe são peculiares, o livro intitulado *O conto de Machado de Assis para a Civilização Brasileira*, escolheu, para ser lido, logo em seguida a essa jóia pequena mas imensa da ficção nacional, que é o conto *Missa do Galo*, esta outra obra-prima, bem mais longa e altamente representativa da sociedade brasileira, no que essa tem de mais emocionalmente tocante. Trata-se do conto intitulado *Jogo do Bicho*, do livro do mestre, intitulado *Outras Relíquias*, que é de 1910, e cujo trecho, dos mais sugestivos como produto da já afinada capacidade de elaboração do hábil ficcionista de *Dom Casmurro*. Apenas vale destacar que a preocupação do Mestre era tamanha, no tocante à pureza vocabular que, em determinado trecho da sua estória, relativa ao jogo de bicho, está a seguinte narrativa:

"... Depois do café, foi ao caderno que trazia fechado na gaveta e fez os seus cálculos. Somou as vezes e os bichos, tantas na cobra, tantas no galo, *tantas no cão* e no resto uma fauna

inteira. . .” E por aí vai o autor de *Memorial de Aires*, não apercebido de que, no Brasil inteiro, cão é uma coisa diferente de *cachorro*, que cachorro é que é personagem das mais festejadas na roda dos vinte e quatro bichos criada pela imaginação privilegiada do Barão de Drumond. . .

Chegamos, agora, ao ponto a que já aludimos, da moda das conferências literárias. É que, segundo informa Delso Renault, em seu ensaio de grande interesse intitulado *O Rio de Janeiro e suas diversões na era dourada*, “. até 1907 chegam (as conferências literárias) a suplantar o teatro lírico na preferência do público. No salão do Instituto de Música elas se sucedem: Luís Edmundo fala sobre a *Psicologia do Bonde*; Luís de Castro sobre a *Música*; o poeta Hermes Fontes discorre sobre *A Luz*; *A Alma das Coisas* é o tema escolhido pelo poeta Alberto de Oliveira; Alvarenga Fonseca, redator da *Folha do Dia*, fala da *Modinha Brasileira*, enquanto Catulo da Paixão Cearense aviva o tema ao violão; João do Rio (Paulo Barreto), cujo centenário vimos de comemorar, ao lado do de Lima Barreto, nestes últimos meses do passado 1981, João do Rio delícia o auditório com a *Delícia de Mentir*; Olavo Bilac diz sobre *O Dinheiro*, Coelho Neto sobre *Espectros Divinos* e Carmen Dolores (Emília Moncorvo Bandeira de Melo) fala da *Sociedade*. No mês de agosto daquele ano, *Fon-Fon* faz sucesso no *Palace Teatro* com *Tipos Cariocas*, enquanto Raul Pederneiras e Calixto, caricaturistas, ilustram a palestra.”

E acrescenta o ensaísta:

“O semanário (refere-se a *Fon-Fon*), lançado em maio do mesmo ano (1907 — lembramos nós) introduz novo estilo de flagrantes sociais e, com humor, glosa a mania obsessiva das conferências:

*Este o grupo alegre e competente,
Simpático e arguto,
Que em sábados de sol seduz a gente
Na linda sala do nosso Instituto.
Merecem todos nossas reverências,
Pois todos são queridos e capazes.
Mas. . . digam cá, rapazes:
Faltam ainda muitas conferências?*

Até este passo das nossas considerações, não atingimos a uma afirmação, relativa ao nosso entretenimento, se bem que todos tenham sentido estar tudo ligado a livros, bibliotecas e a uma época de geral euforia internacional e nacional — *La Belle Époque*.

É que não poderíamos falar em *Belle Époque* sem aludir a Carnaval, festa do povão carioca que, a bem dizer, nasceu como representação da euforia sócio-econômica que dominara o Brasil nas primeiras décadas.

Entre outras razões, pelo fato de terem sido aglomerados os foliões nas escadarias da Biblioteca Nacional, que fora inaugurada no dia 29 de outubro de 1910, sob o governo de Nilo Peçanha, antes tendo sido lançada sua pedra fundamental pelo presidente Rodrigues Alves, havendo sido a construção do monumental edifício iniciada pelo general Francisco Marcelino de Souza Aguiar e concluído, quatro anos depois, pelo coronel Morniz Freire...

Por essa época já bem distante, um folião poeta, que vivia na heróica Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, far-se-ia autor de uma música de Carnaval responsável pela criação do verdadeiro espírito brincalhão do povão carioca.

A letra em tela tinha o título sugestivo de *Vem cá, mulata*, e é assim, talvez, a primeira grande homenagem a quem, desde o começo do século atual, vem sendo, cada vez mais e mais, louvada pela sua presença sempre buliçosa e esfuziante dos blocos, cordões e escolas de samba do carnaval carioca.

Vem cá, mulata era de autoria de um dos poetas brasileiros mais em voga na *Belle Époque*. Esse poeta, de características formais tão próprias, é nada mais nada menos que o patrono da biblioteconomia — Manuel Bastos Tigre, indiscutivelmente uma das mais representativas figuras da tão falada *Belle Époque*.

Filho do lusitano Antônio da Silva Ferreira, armador do Rio Grande do Sul, por largo tempo estabelecido em Pernambuco, no Recife, nosso homenageado, que no dia de amanhã, 12 de março, vivo fosse, estaria a completar seu centenário, era filho primogênito da união de seu pai, o jovem comerciante gaúcho Delfino da Silva Tigre e da mameluca cearense, da cidade de São Mateus, do nosso alto sertão, Maria Leontina, a Marocas, filha de José de Oliveira Bastos, de ascendência portuguesa. Em pouco tempo, Delfino e Marocas, estabelecido o pai, já então moço de certas responsabilidades e algumas posses, nasceu o primeiro filho a quem deram o nome de Manuel. Esse Manuel, que usaria por sobrenome o BASTOS recebido da genitora, logo quando jovem, numa atitude peculiar de sua pitoresca personalidade, adicionaria a palavra TIGRE, alusão direta e simbólica, porque o seu pai a adotara em memória de uma espécie de carranca ornamental que havia à frente dos veleiros que saíam das águas do Rio Grande em demanda do Nordeste, especificamente da cidade do Recife.

Nosso Bastos Tigre foi o primeiro filho, segundo seu biógrafo, o cearense Raimundo de Meneses, dos treze que viriam a sobreviver de um total de vinte e quatro.

Mas, vamos procurar dar o devido valor ao poeta Bastos Tigre, em termos de nomeada que seria nacional, como participante que ele foi, do modo mais exuberante e efusivo, da já aludida *Belle Époque*. Os largos recursos da família, que haviam assegurado ao menino Manuel o privilégio de estudar as Humanidades no famoso Colégio Diocesano de Olinda, onde teve ele despertada a veia poética, facilitaram a sua transferência para o Rio de Janeiro, onde se diplomaria engenheiro pela Escola Politécnica.

Corria então o ano de 1906, estando o Rio de Janeiro em plena euforia do otimismo da chamada ERA INDUSTRIAL, que em Pernambuco, seu pai ajudara a nascer e prosperar, até os dias de hoje — os produtos alimentícios marca PEIXE.

Seguindo a moda dos jovens de posses e vida folgada no Rio de princípios deste século, o moço Bastos Tigre empreendeu longa viagem de estudos aos Estados Unidos, que despontavam, àquele tempo, como a grande escola para a formação de uma mentalidade industrial inovadora e produtiva. Depois de muitas experiências no trato da vida no Tio Sam, Bastos Tigre veio ter à terra cearense, primeiro como engenheiro da General Electric e depois como auxiliar de geólogo, junto ao atual Departamento Nacional de Obras Contra as Secas, do tempo em que os maliciosos, referente às iniciais do órgão citado, que eram alusivas à incompreendida Inspeção Federal de Obras Contra as Secas, assim diziam, entre remoques — ISTO FOI OUTRORA COISA SÉRIA, ou ainda pior: ISTO FAZ O CEARÁ SECAR...

Não seria essa interpretação maliciosa fruto da inspiração moleque de Bastos Tigre, que viria a ser o poeta do mais fino e por vezes escarninho humor?

Mas, vamos ao que realmente importa, para o que chamaremos a conformação da pessoa de nosso patrono, como técnico, como literato e com BIBLIOTECÁRIO, que isso ele o foi com inteligência, dinamismo e sobretudo amor a uma profissão que subentende dedicação ao livro, como expressão dinâmica do pensamento, através da palavra escrita.

No ano de 1915, Bastos Tigre, já maduro em experiência e vivências do Rio de Janeiro, prestou concurso para bibliotecário do Museu Nacional e, depois, por mais de vinte anos, na Biblioteca Central da Universidade do Brasil.

Bastos Tigre foi um espírito alegre, soube representar a pleno a alma do brasileiro cosmopolita do seu tempo, introduzido que fora, bem moço ainda, no mais significativo da boêmia do seu tempo, onde como ele pontificaram Olavo Bilac, Guimarães Passos, Emilio de Meneses, Alberto de Oliveira, Belmiro Braga, Cornélio Pena, Aparício Toreli e tantos outros expoentes, já do lírico, já do humorístico.

Ele que, como servidor diligente do maior e mais valioso acervo bibliográfico nacional, que o grande pesquisador e crítico brasileiro Wilson Martins assinalava, em seu livro *A Palavra Escrita*, ser integrado por um milhão e quinhentos mil volumes e folhetos, seiscentos mil manuscritos e trezentos mil volumes de jornais e revistas.

O Bastos Tigre que se tornaria célebre pelo humor brasileiro representativo das primeiras décadas é dono de numerosa bibliografia, a saber, cronograficamente: *Saguão da Posteridade*, Rio, 1902; *Versos Perversos*, Rio, 1905; *Moinhos de Vento*, Rio, 1913; *Bolhas de Sabão*, Rio, 1919; *Arlequim*, Rio, 1922; *Penso Logo...* *Eis Isto*, Rio, 1923; *A Ceia dos Coroneis*, Rio, 1924; *Meu Bebê*, Rio, 1924; *Poemas da Primeira Infância*, Rio, 1925; *Parábolas de Cristo*, Rio, 1932; *Brinquedos de Natal*, 1925; *Carnaval*, Rio, 1932; *Poesias Humorísticas*, Rio, 1933; *Entardecer*, Rio, 1935; *Uma Coisa e Outra*, Rio 1937; *Recitália*, Rio, 1943; *Cancioneiro*, Rio, 1946; *Conceitos e Preceitos*, Rio, 1946; *Musa Galata*, S. Paulo, 1949, e *Sol de Inverno*, Rio, 1955, esta última de suas obras de alta simbologia, quanto ao título, assim como o *Tarde*, de Olavo Bilac, representativo de um estado já próximo do fim, que viria a ocorrer na bem amada e sempre boêmia Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, em 2 de agosto de 1957.

O Bastos Tigre que fazia blague de si próprio, como no soneto de fina ironia, que assim dizia, relembando os tempos de estudante:

*Foi-se-me o tempo em pândegas velhacas,
Ao som de gargalhadas estridentes!
Ai, cego, eu cria que, mercê dos lentos,
Os exames dagora fossem jacas.*

*Ao Songailo, Gilbert e aos seus cornacas,
Não dei de certo rendez-vous freqüentes,
E as relações que tinha com estas gentes,
Dia a dia tornaram-se mais fracas.*

*Ai, Licínio! Ortiz! Carvalho e Melo!
Vou ver se posso lhes passar o plano
E meter vocês todos no chinelo.*

*Quando o ponto a razão a luz me roube,
Ganhe numa hora o que perdi num ano,
— Saiba colar o que estudar não soube!*

Era assim, sempre jovial, o Bastos Tigre, poeta satírico, irrefreável, campeão dos torneios mais acirrados dentre os escritores de sua época doirada. O escritor cearense Raimundo de Menezes traçou-lhe elogiosamente o movimentado perfil, na valiosa obra que intitulou *Bastos Tigre e La Belle Époque*, um momento cheio de eloqüência e ternura em homenagem a quem, na vida, soube ser grande sendo comunicativo — capaz de atravessar o passar dos anos como o representante mais autêntico da sua geração.